PROJETO TIRANTE

organização de
Clara Sampaio e Felippe Moraes

TIRANTE: ORIGENS E MOTIVAÇÕES

O projeto *Tirante* tem sua motivação no próprio edifício do *Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio del Santo – Maes*, localizado em Vitória. A experiência da obra civil do Maes, realizada em parceria com a Arq. Mirella Schena, entre 2016–2017, é um duplo privilégio: descobrir suas características originais e particularidades para propor um novo espaço, este que agora podemos ocupar, mesmo que virtualmente.

Em 2018, com a possibilidade de voltar ao museu, idealizamos uma exposição que refletisse sobre práticas contemporâneas em trânsito. Fomos nos cercando de pessoas que também habitassem lugares híbridos em suas poéticas, movendo-se entre a arte e a arquitetura. O título do projeto recorre à definição arquitetônica: um elemento tênue, que sozinho ou combinado a outros, tensiona ao mesmo tempo que sustenta estruturas.

A primeira proposta da exposição explorava o novo espaço do museu em sua potência: com um plano livre no piso superior, decidimos permitir que o espaço se revelasse junto aos trabalhos dos artistas, às janelas abertas para a cidade, aos revestimentos e sistemas expositivos tais como são, aparentes e sem artifícios cenográficos. As paredes móveis seriam utilizadas como suporte para textos, criando percursos livres, e quase toda exposição flutuaria em estruturas muito leves, criando textura e densidade em um espaço todo cru.

Foi assim que desenhamos um projeto que atrelado ao seu edifício-índice trazia também reflexões sobre outros lugares: *Raquel Garbelotti* aborda a presença inconteste do minério de ferro no cotidiano dos capixabas narrando a invasão silenciosa do pó na casa da própria artista, ali mostrada em escala (*Wind Fence* (2017)); *Anton Steenbock* apresentaria entre maquetes e vídeos sua incursão sobre o polêmico mercado imobiliário e suas tendências estéticas, que desafiam planos diretores urbanos e o bom senso, em uma batalha perversa entre o capital e a sociedade civil; *Felippe Moraes* criaria, para a exposição, diversas maquetes de projetos já realizados, como o *Monumento ao Horizonte* (2016), além de estudos para projetos futuros (*Declamação ao Horizonte* (2017) e *Torre do Silêncio* (2018)), inclusive concretizando ali propostas que possivelmente não seriam executadas por sua complexidade. Com a experiência da obra civil ainda muito presente, trabalhei, entre outras coisas, em uma intervenção no piso do museu, que ao marcar as paredes movidas ou retiradas, se apresentaria como uma

espécie de escala real de *Demolir/Construir* (etapa que integra comumente um projeto de reforma).

Passados dois anos, como é de se esperar, os trabalhos se transformaram. Reconfigurados ao ambiente virtual, ganham agora a companhia de novos trabalhos, além de textos e imagens. Trazem consigo um pouco da realidade caseira que nos foi imposta durante a pandemia da COVID-19, sendo as propostas inéditas todas produzidas a partir do lar de cada artista, e em alguns casos inclusive incorporando esse universo (sua arquitetura, seus ruídos e materiais).

Finalmente, o projeto recebe as contribuições de mais dois artistas: *Marcelo Venzon*, que em sua prática lida com as representações estéticas da arquitetura, em instalações que se camuflam às tentativas de simulação de texturas e materiais naturais em revestimentos como o porcelanato, a cerâmica e o adesivo; e *Fredone Fone*, que em sua incursão pela urbe, é tanto um observador atento como um propositor de situações, trazendo de forma crítica a construção da paisagem urbana da periferia para o centro de sua produção. Ambos desenham projetos inéditos, um para refletir sobre os desvarios do mercado imobiliário no Espírito Santo, mais precisamente por meio da construção de um *edifício-resort*, cuja magnitude tem impacto não só social como ambiental (*Itaparica Beach Resort*, 2021); e outro para pensar a arquitetura e o urbanismo por meio de um procedimento de decupagem, buscando entender o que produz uma cidade na vivência de quem não está de fato no radar das decisões políticas; as mesmas mãos que conhecem o concreto manipulam agora fitas cassetes e um gravador caseiro, áudios que somados a um texto e vídeo (*Sobre a laje*, 2021) buscam a criação de uma espacialidade, uma *morada* segura, como nos comentou o artista.

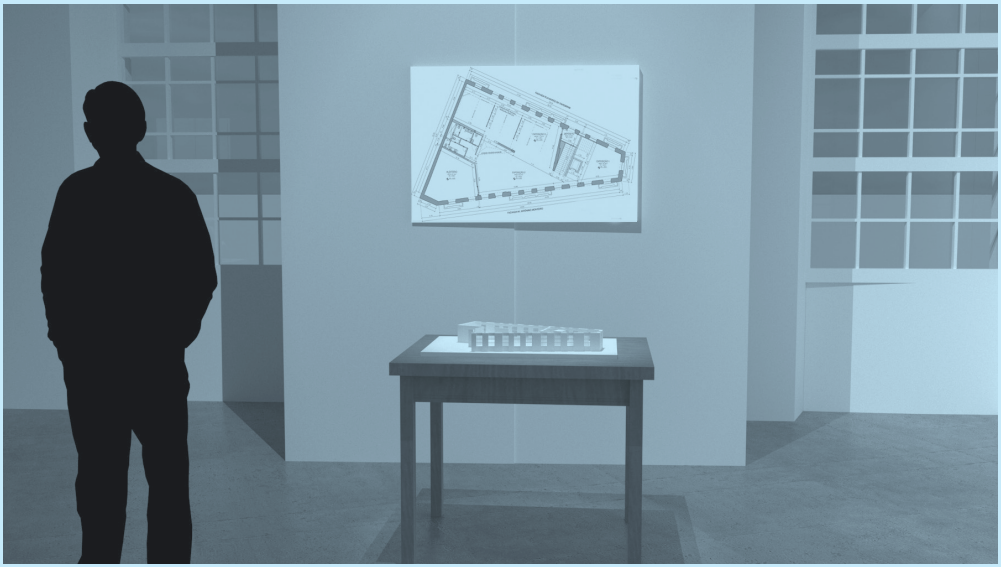
A exposição de 2018, não realizada por motivos de força maior, dá-se agora como imagem. Não existe menos porque não foi executada ou vivida, mas sobrevive como registro e gera outra, que por acaso ou por destino, cresceu em complexidade e ações. Após muitas negociações, surge o projeto atual, que é composto também por uma equipe de educação, *Lindomberto Alves* e *Amanda Amaral*, e as valiosas contribuições e reflexões de *Gabriela Leandro Pereira, Mauro Neri, Ricardo Basbaum, Juan Gonçalves, Rebeca Ribeiro* e *Thiara Pagani*.

É assim que, entendendo o museu como programa, o projeto habita o Maes, irrompe sua arquitetura física para ganhar o espaço online na forma de tirante.org. Como plataforma, a exposição quer mesmo ser

um *artifício de passagem de um lugar a outro* e aposta por uma mediação expandida com seus espectadores. Neste ambiente, cada artista cria seu espaço de intervenção e pensamento, e o público é convidado a navegar livremente, a procurar elementos escondidos, visitar e retornar quantas vezes quiserem aos trabalhos. Assim, *Tirante* não é uma versão online de uma exposição que seria física, é um novo projeto que pretende ancorar no virtual essa possibilidade de *site* (lugar) discursivo.

Concebido como experiência móvel, *Tirante* tem a intenção de sobreviver às constrições da pandemia, ao distanciamento, ao horário comercial, conviver com várias outras abas e assuntos (outras exposições?) e ter uma duração que extrapole o calendário institucional. Sua produção inteiramente à distância oportunizou a conexão entre Brasil, Portugal, Alemanha e Bélgica, países onde hoje se encontram as/os artistas participantes. Nosso programa público, intitulado *Espera*, também este um elemento arquitetônico, partilha da expectativa que uma exposição torna-se, estabelece-se de fato, a partir do relacionamento com o outro. É também um convite para proposições e diálogos, apresentando-se na forma de ações a serem divulgadas no site, nas redes sociais do projeto e nesta publicação.

Clara Sampaio



Simulação do trabalho de Clara Sampaio, proposto em 2018 para a expografia presencial no Maes.

MAQUETE

O termo *tirante* refere-se a uma peça ou técnica construtiva que tensiona para estruturar e configura-se como marco conceitual deste projeto: utilizamos a arquitetura para discutir o museu não enquanto espaço físico, mas programação, acervo, e educação, compreendendo sua natureza como território de conflito e negociação.

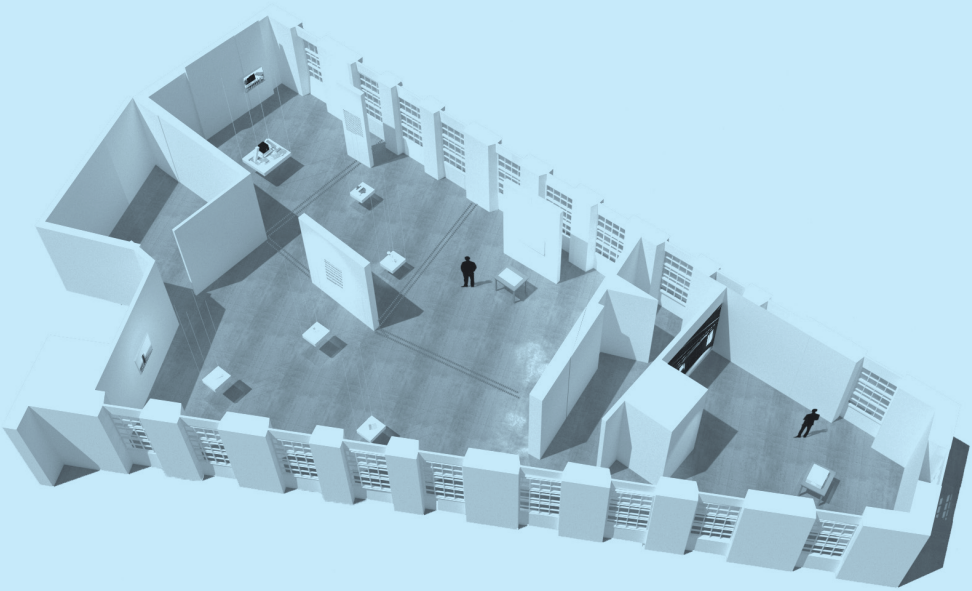
Em constante estado de latência, derrocada e construção, *Tirante* confunde-se com o espaço construído, corpos e políticas que perpassam o *Museu de Arte do Espírito Santo Dionísio del Santo – Maes*. Colocamo-nos em um campo de estiramento, em momentos como proposta conceitual, em outros enquanto estiramento institucional ou ainda entre público e privado, pessoal e coletivo.

Em 2018, quando fomos selecionados no edital público de ocupação do museu, submetemos um proposta que previa uma sinuosidade entre os agentes da arte contemporânea, partindo da noção de linhas de força elásticas, porém esticadas: artistas enquanto arquitetos, enquanto curadores, enquanto produtores, enquanto artistas. Hoje, em 2021, em meio à pandemia e ameaças às democracias, a mostra tornou-se um signo indicial de seu tempo e das próprias relações que se propõe a discutir.

Atendendo às demandas de saúde pública, como também da urgência em discutir a arte e seus meios nesse em novos contextos, o projeto tornou-se não-presencial. Obrigamo-nos então a fazer algumas perguntas: o que pode um museu fechado? O que é a exposição em contextos não-presenciais? E, afinal, o que configura um museu para além de seu espaço? *Tirante* não é mais a ocupação física de um museu, mas sua própria porta de entrada.

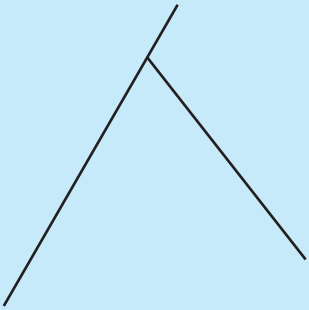
Colocamo-nos como agentes da arte e da cultura que, por meio de uma epistemologia própria, hipotética e experimental, dispomo-nos a habitar os vazios e conflitos de forma que os encontros e ruídos retesem as membranas conceituais entre arquitetura, instituição, arte e cidade. Mais do que uma mostra ou um registro, *Tirante* é tanto uma maquete de relações possíveis, como indício das inquietações que o estruturam.

Felippe Moraes



Simulação da vista superior do projeto
expográfico de Tirante no Maes, por Felippe Moraes.
Imagem submetida ao edital em 2018.

ARTISTAS

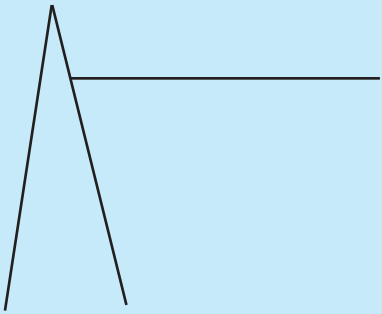


ANTON STEENBOCK

Artista formado pela UDK, em Berlim. Se interessa pelo tensionamento entre realidade e ficção na formulação de intervenções urbanas e empreendimentos imobiliários.

CLARA SAMPAIO

Artista e curadora independente. Investiga questões sobre tradução, linguagem, prática artística e curatorial em espaços independentes, crítica institucional e processos colaborativos em arte.





FELIPPE MORAES

Artista, pesquisador e curador independente. Sua pesquisa aborda a epistemologia da razão e suas relações com mitologia, espiritualidade e ancestralidade como possibilidades de reencantamento do mundo.

MARCELO VENZON

Artista e arquiteto. Sua pesquisa passa pelo interesse nas relações entre corpo, matéria e espaço, numa tentativa de identificar superfícies mínimas nas suas tensões em seu ponto de esforço máximo até a mudança de estado físico ou social.

FREDONE FONE

Artista, mobilizador do grafitti e do movimento hip-hop. Boa parte de seu trabalho é braçal e fala sobre o sonho da casa própria e a autoconstrução como táticas subversivas de existência, ocupação e sobrevivência da população preta e periférica.

RAQUEL GARBELOTTI

Artista, doutora e professora da UFES. Atualmente aborda questões sobre decolonialidade e pós-colonialidade; como a expropriação — da força de trabalho e dos recursos minerais, também por uma perspectiva feminista.



Anton Steenbock
Compasso, Instalação sonora,
Museu de Arte Contemporânea MAC Niterói,
Rio de Janeiro, 2015



Clara Sampaio
Escala, colagem de papel milimetrado A4
sobre parede, 2020

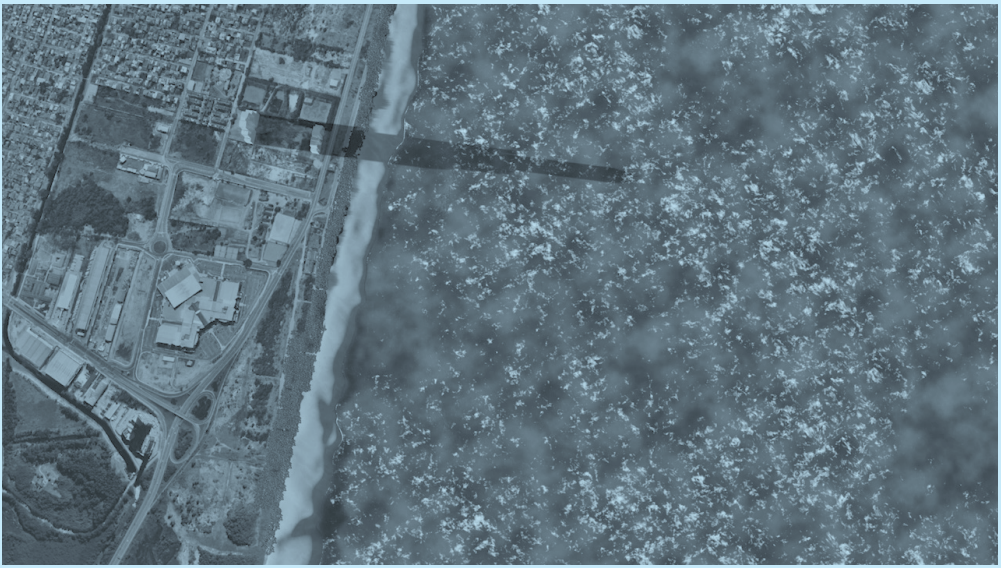


Felippe Moraes
Monumento ao Horizonte, 2016
Baía de Guanabara – Niterói-RJ

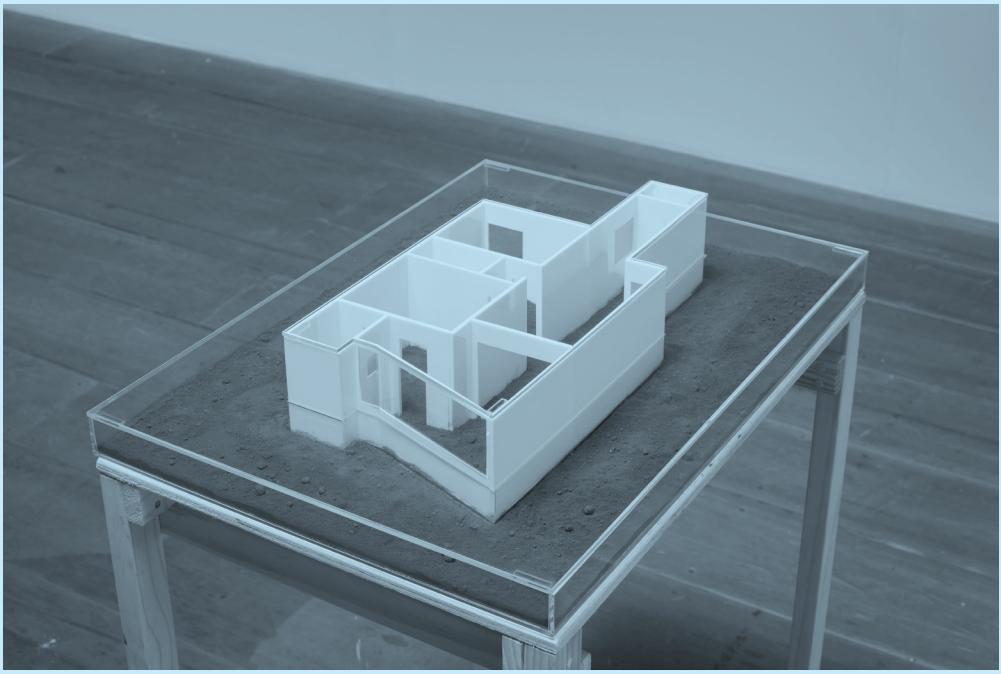




Fredone Fone
Sobre a laje, registro das gravações de áudio, 2021



Marcelo Venzon
Itaparica Beach Resort, video, 2021



Raquel Garbelotti
Wind Fence, maquete e minério de ferro, 2017

ORGANIZAÇÃO GERAL E
PROJETO CURATORIAL
Clara Sampaio
Felippe Moraes

ARTISTAS
Anton Steenbock
Clara Sampaio
Felippe Moraes
Fredone Fone
Marcelo Venzon
Raquel Garbelotti

ORGANIZAÇÃO DO PROGRAMA
PÚBLICO – ESPERA
Duo Furtacor – Amanda Amaral e
Lindomberto Ferreira Alves

PROJETO EDITORIAL
Clara Sampaio
Felippe Moraes
Victoria Pianca
Lindomberto Ferreira Alves
Amanda Amaral

PRODUÇÃO
Clara Sampaio
Barbara Carnielli

WEB DESIGN
Felippe Moraes

PROJETO GRÁFICO E IDENTIDADE VISUAL
Victoria Pianca

REVISÃO DOS TEXTOS
Leonardo Medeiros

PARCEIRO INSTITUCIONAL
DaSilva Brokers ART LAB

AGRADECIMENTOS
Nosso agradecimento especial axs artistas e convidadxs pela parceria e disponibilidade em colocar esse projeto no ar em incríveis três meses de produção.

Nosso muito obrigada também é dedicado ao Lindomberto Alves e Amanda Amaral, e às pessoas que nos apoiaram na realização de Tirante: Mirella Schena, Barbara Carnielli, Flora Gurgel, Camilo Lima, Ana Luiza Bringuente, Renan Andrade e a equipe do Maes.

Realizado com recursos do Funcultura da Secretaria de Estado da Cultura (Secult-ES), por meio do Edital 20/2018.

As imagens e os textos apresentados nesse catálogo são de autoria dos artistas e convidados participantes do projeto *Tirante*.